

ARI CUNHA

Visto, lido e ouvido

Para onde vai a dívida externa

Bonn — Estou vendo prospecções econômicas, lendo relatórios e ouvindo opiniões de jornalistas, economistas e gente de Governo, sobre o que poderá acontecer com um país que deve cem bilhões de dólares e não pode pagar.

Não é fácil a situação de um jornalista nesta oportunidade, porque há uma carga de opiniões contrárias ao nosso País, que nos deixa atônitos às vezes, revoltados outras, ou descrentes, para finalizar.

Mas eu sempre reajo, porque, se fomos cínicos no endividamento superior às nossas possibilidades, cínicos também foram os que tinham o dinheiro, porque qualquer banco jamais colocou sal em toucinho podre. E através dessa dívida vejo, por conseguinte, que o Brasil tem muito de reservas para garantir tudo que tomamos dos outros.

Não vou defender os nossos governos, de Médiç a Figueiredo, passando por Geisel, com sua aparente austeridade prussiana. Condeno a ambos, porque o nacionalismo brasileiro sempre fez eleger presidentes com sobrenomes locais. Mas isto é atraso, e quem demonstrou tal fato foi Kubitschek, o grande desenvolvimentista das nossas administrações. Mas de Médiç a Geisel, a economia brasileira passou de tal forma a depender do estrangeiro que não é novidade a nossa dívida.

Mas isto são conjecturas. Ouço, aqui, de gente ligada ao Governo, ao Parlamento, ou à economia particular, uma tese que não ouvi até agora no Brasil.

A nossa dívida não poderá ser paga. Não teremos jamais dinheiro para amortizar a dívida e arcar com os juros. Seria impossível para o Brasil. Assim, o que se planeja, na Europa, é coisa diferente, e pode ser constatada pelo montante da dívida: os capitalistas estrangeiros, através de seus bancos, inflaram a economia brasileira de dólares árabes. Não gastaram, por conseguinte, um tostão. Um dia, os árabes pediram os dólares de volta. Eles, que tinham entregue o dinheiro ao nosso País, e a outros, caíram sobre a nossa economia. Nós, esfacelados, com inflação acima dos duzentos por cento, não poderíamos nunca pagar o que tomamos para o nosso desenvolvimento.

Enfim, o que tenho ouvido é que esse dinheiro não voltará em forma de dinheiro. Será uma espécie de Plano Marshall. Voltará em forma de grãos, ou de produtos de extração. Assim, o que teremos a fazer será abrir os nossos campos a nova tecnologia, nossa indústria a novos planos, e aceitar o que os donos do dinheiro nos imponham. É duro, é cruel, ouvir isso, mas a verdade é que dinheiro não aceita desaforo, não há outro caminho.

Ouvi mais: a grande dificuldade para isso poderá ser a ação dos militares, cômicos em parâmetros diferentes do que poderíamos admitir como **soberania nacional**.

Mas os militares ocuparam os postos civis na administração do Governo, e cederam as decisões aos tecnocratas, renegando os trabalhos dos políticos. Esse pode ter sido um grande erro, porque os tecnocratas aumentaram a corrupção a níveis nunca antes alcançados, com o respaldo militar, para evitar os políticos, atraindo esses militares a uma areia movediça de corrupção, que hoje atinge graus altíssimos, mesmo considerando as condições de comissões internacionais para serviços prestados.

Há que parar o caudal em que estamos. Como está, não poderemos ir longe. A regeneração total, a médio prazo, sabe-se que é impossível, e seria demagogia admiti-la.

Mas o dinheiro incha a cada dia que passa. Há, portanto, necessidade de pelo menos se estabelecer um nível de corrupção compatível com a realidade da solução do problema. Não pode todo mundo, ao mesmo tempo, querer sua parte adiantada, quando o que nos falta, na verdade, é patriotismo e, mais que isso, credibilidade dos que nos comandam.

SECA — Humor negro, no caso do Ceará. Uma autoridade de lá me disse que é melhor o "mar de lama" do que a seca que prevalece...

COPIA — Está hoje em Brasília o maior salário do Brasil: Peter McColongh, presidente mundial da Xerox, que recebe porcentagem de cada cópia retirada de qualquer repartição pública. Quando ele chegou ao aeroporto, a receptionista confidenciou ao vizinho: É melhor do que a cópia... Desmentiu a eficiência da máquina.